



Gabriel Cabral Bernardo (2020) *Comandantes e covardes: Honra e mérito em Esparta*. São Paulo: USP/Capes: Intermeios, 410p. ISBN: 978-65-86255-03-4

Luis Filipe Bantim de Assumpção (Universidade de Vassouras)

lbantim@yahoo.com.br

A obra aqui resenhada evidencia o esforço e o envolvimento acadêmicos de Gabriel Cabral Bernardo ao tratar da *polis* de Esparta. O trabalho, como um todo, manifesta o cuidado do autor e a qualidade da orientação que obteve no decorrer do mestrado na Universidade de São Paulo, aspecto que lhe garantiu condições adequadas para a elaboração deste livro, cuja publicação se deu após ser premiado pela Capes em um concurso de dissertações.

Conforme acompanhamos o desenvolvimento de sua escrita, verificamos que Bernardo não deixa seu leitor desprevenido, pois explica e justifica as suas escolhas teóricas, temáticas, historiográficas e de tradução. Esse mesmo cuidado pode ser observado no sumário, que abarca todas as instâncias da cultura lacedemônia onde a honra e a vergonha podem ser experienciadas em Esparta por meio dos indícios literários.

A obra se inicia com uma ligeira exposição sobre os motivos que levaram às escolhas do autor, cujo posicionamento evidencia e justifica o mérito de se trabalhar com a *philotimia* entre os esparciatas e seus governantes heráclidas. Por vezes, a ênfase dada por Bernardo se assemelha a um proselitismo acadêmico, que se estende pelo primeiro capítulo. Nesse sentido, destaco que a qualidade do texto e o uso da documentação literária, devidamente contextualizada, tornam essa justificativa desnecessária, mas entendo que, por se tratar de uma dissertação de mestrado, era fundamental esclarecer todo e qualquer posicionamento que pudesse se tornar um ponto de crítica no exame de defesa.

Talvez por uma questão de estilo narrativo e de escrita acadêmica, confesso que senti certa estranheza com o primeiro capítulo, intitulado “Honra: Entre a ordem e a revolta”, afinal, Bernardo parece muito preocupado em mapear na produção literária da contemporaneidade as vezes em que a honra, enquanto conceito e prática antropológica, foi objeto da pesquisa de intelectuais ocidentais. Ainda que pareça um capítulo teórico, este serviu para evidenciar ao público-alvo em que medida a pesquisa seria devidamente justificada, haja vista que a honra e a vergonha já haviam sido discutidas por outros especialistas em estudos sobre a antiguidade clássica mediterrânea. Contudo, no decorrer do livro, os autores mobilizados no primeiro capítulo raramente aparecem, criando um aparente distanciamento entre aquilo que foi apresentado e a proposta de se discutir em que medida os espartanos foram “amantes da honra” no Período Clássico.

O segundo capítulo, por sua vez, pretende apresentar como essa ideia do “amor pela honra” e o “medo da vergonha” se desenvolveu na tradição literária da antiguidade clássica mediterrânea, bem como os seus ecos até os dias de hoje. O enfoque de Bernardo residiu em contrapor Platão e Aristóteles materializando como estes filósofos argumentaram sobre a relação da honra com o comportamento espartano. Vale pontuar que, no decorrer de seus escritos, Bernardo mobiliza outros autores da antiguidade para corroborar ou contrapor a perspectiva platônica e aristotélica. O capítulo três emerge como um “efeito” do seu predecessor, posto que grande parte de suas ponderações partem da *Constituição dos lacedemônios* de Xenofonte. Nesse caso, ousou afirmar que o terceiro capítulo poderia compor o anterior, pois sua extensão ficou modesta frente aos demais, mesmo que esse escrito xenofonteano tenha grande relevância para o livro de Bernardo como um todo.

O quarto e o quinto capítulos estão interessados em pontuar como a *paideia* de Esparta serviu como um vetor para a promoção do ideal de honra e vergonha já nos primeiros anos de treinamento para a cidadania. Bernardo afirma que esse procedimento estava devidamente integrado à organização políade – aqui ele retoma argumentos defendidos por Noreen Humble e outros estudiosos sobre Esparta.¹ Após discutir e problematizar as etapas da formação

¹ Noreen Humble (1999) *Sôphrosynê* and the Spartans in Xenophon. In: Stephen Hodkinson & Anton Powell (eds) *Sparta: New Perspectives*. London: Duckworth, p. 339-353; Noreen Humble

espartana, o autor expõe como as mulheres da aristocracia endossavam o sentimento de honra entre os homens das mais variadas faixas etárias. No entanto, essa discussão acaba por aprofundar o debate acerca da articulação do gênero feminino com os valores culturais que ratificavam o “ser espartano”. Tais considerações são relevantes por ampliarem os esforços historiográficos acerca do tratamento das mulheres espartanas por meio de um viés que dialoga com estudos sobre a economia antiga, salientando como elas poderiam enriquecer para além do controle de seus guardiões masculinos.

Já os capítulos sete e oito foram dedicados a tratar da *philotimia* entre os cidadãos adultos e os idosos, o que nos leva a perceber que a preocupação de Bernardo é mapear práticas culturais de Esparta que teriam incutido a honra e o medo entre os seus membros. Portanto, sua análise se inicia no jovem, partindo para o adulto e culminando nos idosos. Mais uma vez, ao contrapor os indícios literários e justificar as suas escolhas, Bernardo demonstra como as instituições político-sociais espartanas – dentre as quais temos as *syssitia* – levavam os membros da comunidade a se inserirem em um “jogo de poder” visando a aquisição de capital social. Aqui o autor reitera que feitos grandiosos praticados na juventude seriam lembrados na vida adulta dos esparciatas, servindo como um instrumento para a aquisição de cargos de proeminência na comunidade e fora dela.

O capítulo nove aborda a relação entre honra e glória, enfatizando a importância das mulheres nesse processo, mas também da imagem que o esparciata poderia edificar de si e de sua linhagem por meio da morte em batalha. Bernardo discute a ideia veiculada pela documentação literária, sobretudo Xenofonte e Plutarco, para tratar da memória *post mortem*. O autor também mobiliza indícios arqueológicos (como as cerâmicas, os restos mortais de pessoas em áreas de enterramento, oferendas votivas em santuários, estelas com informações sobre vitória em competições esportivas etc.) e pontua que os espartanos – para além da realeza heráclida – criavam instrumentos para rememorem seus feitos, os quais poderiam ser devidamente transformados em capital social.

(2002) Was *sôphrosynê* ever a Spartan virtue? In: Anton Powell & Stephen Hodkinson (eds) *Sparta: Beyond the Mirage*. London: Classical Press of Wales, p. 85-109.

O décimo capítulo se dedicou à diarquia heráclida da Lacedemônia e às suas especificidades nessa economia simbólica em prol (ou não) da honra. O autor cita casos específicos onde a honra de um membro da família real contribuía para que este se tornasse *basileus*, ou seja, ao acumular relações pessoais preponderantes e exibir os méritos de suas ações, um esparciata de uma das dinastias heráclidas poderia se tornar rei. Para tanto, Bernardo destaca o caso de Agesilau II e seu filho Arquídamo, bem como os esforços dos esparciatas em geral para integrarem o séquito dos reis de uma das dinastias lacedemônias. Por fim, a conclusão faz uma grande revisão de tudo o que foi discutido ao longo dos dez capítulos do livro, mas com uma breve explicitação de que a busca pela honra e até mesmo pela *philotimia* são ideais que se perpetuam nas sociedades contemporâneas.

Em suma, o livro *Comandantes e covardes: Honra e mérito em Esparta* é uma obra dotada de grande rigor acadêmico, o que reflete o envolvimento de Gabriel Cabral Bernardo com o seu tema. É um trabalho que interessa sobremaneira aos estudiosos de antiguidade, tanto pela qualidade do material quanto pelas características acadêmicas da obra. Mesmo com todo o seu mérito, o livro resenhado pode não interessar ao grande público, ainda que muitas pessoas busquem a temática de Esparta, visto que esta ainda figura no imaginário popular. Além disso, é fundamental que os/as interessados/as saibam contextualizar os autores clássicos mobilizados, uma vez que as suas colocações sobre os espartanos estiveram alinhadas aos seus respectivos interesses políticos e à sua contemporaneidade.

Data de publicação: 04/07/2025